



ESTADUAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LADYANE BRANDÃO LIMA

**A ORGANIZAÇÃO DE CANTINHOS PARA BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS E REFLEXÕES**

CAMPINA GRANDE – PB
2015

LADYANE BRANDÃO LIMA

**A ORGANIZAÇÃO DE CANTINHOS PARA BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS E REFLEXÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof^ª. Ms. Livânia Beltrão Tavares.

**CAMPINA GRANDE – PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732o Lima, Ladyane Brandão

A organização de cantinhos para brincadeiras das crianças na educação infantil [manuscrito] : práticas e reflexões / Ladyane Brandao Lima. - 2015.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares, Departamento de Educação".

1. Educação Infantil 2. Lúdico 3. Prática Pedagógica 4. Criatividade I. Título.

21. ed. CDD 372



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

LADYANE BRANDÃO LIMA

**A ORGANIZAÇÃO DE CANTINHOS PARA BRINCADEIRAS DAS
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS E REFLEXÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento às exigências para
obtenção do grau de graduada.

Aprovada em: 08/12/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ms. Livânia Beltrão Tavares (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof^ª. Ms. Diana Sampaio Braga
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof^ª. Dra. Marta Lúcia de Souza Celino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico este artigo primeiramente a Deus, que sempre esta ao meu lado em todos os momentos, à minha mãe Francisca de Lima Brandão, à meu pai Jovino Pereira Brandão Neto, à meu esposo Cauique Vagner Almeida Araújo e a minha filha Alice Braga Brandão Almeida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus por tudo, Ele me proporcionou paciência e calma para alcançar mais esta conquista.

Aos meus pais, Jovino Pereira Brandão Neto e Francisca de Lima Brandão, que me criaram com todo amor e carinho, apoiaram e ajudaram-me a se tornar a mulher que sou hoje.

Ao meu esposo, Cauique Vagner pelo amor e paciência na condução deste trabalho e sempre acreditando que conseguiria.

A minha filha Alice Braga, que ainda não tem idade para entender a minha ausência em determinados momentos, agradeço pela espontaneidade, carinho e amor incondicional que sempre me estimularam nos momentos difíceis.

Ao meu irmão Raniery Brandão Lima e a minha cunhada Ana Paula Duarte de Luna Brandão, pelo incentivo que me deram para que nunca desistisse.

A minha irmã Catarina Stephanie Brandão Lima pelo apoio e incentivo que me deu para que nunca desistisse, e também pela dedicação a minha filha na minha ausência.

Aos meus sobrinhos Jorge Neto e Iran Gustavo, pelo carinho e afeto no momento que mais precisei.

Minha família em especial: Vovó Alice, Vovó Jacy, Tio Jailson, Tia Cila, Tia Valdete, Tia Valdilene, Aline Freire, Fabiana Lima, Maria Alice, Simone Késsia, Wanelly Grangeiro, Rosane Lima, obrigada por todo apoio e carinho.

As minhas amigas Claudiane Diniz Xavier, Elíbia Brandão e Sirley de Araújo Silva Santos pela disponibilidade de material e apoio no término deste trabalho.

A minha orientadora, professora Prof^a. Ms. Livânia Beltrão Tavares, por toda transmissão de conhecimentos, paciência e dedicação ao nosso trabalho.

Aos professores da banca examinadora, Prof^a. Dra. Marta Lúcia de Souza Celino e Prof^a. Ms. Diana Sampaio Braga, obrigada pela disponibilidade e ter aceitado meu pedido.

A todos que contribuíram para conclusão dessa etapa em minha vida, muito obrigada.

A ORGANIZAÇÃO DE CANTINHOS PARA BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS E REFLEXÕES

Ladyane Brandão Lima*

Resumo:

Apresentamos neste artigo algumas experiências vivenciadas no projeto de intervenção intitulado “Organizando o espaço físico na educação infantil, como ferramenta para o aprendizado da criança”. Esta experiência foi desenvolvida na disciplina de Prática Pedagógica IV e realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Josefa de Araújo Pinheiro. Para tanto, tomamos como base o estudo dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI (1998), os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS (2001) e autores como: OLIVEIRA (2007) entre outros. Através da observação e da participação pudemos captar, com riqueza de detalhes, o desenvolvimento do trabalho na instituição, e realizar a experiência dos Cantinhos Educativos proposta em uma sala antes desativada. A partir desse trabalho, pudemos compreender a importância da atividade lúdica para as crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Lúdico. Prática Pedagógica. Criatividade. Título.

1 Introdução

A concepção de criança tem mudado no decorrer do tempo, incorporando as mudanças sociais e culturais de determinada sociedade, criando demandas para as políticas públicas do país no tocante aos direitos e à educação desta. Diferentes documentos e leis trazem como eixo norteador de suas regulamentações a concepção de criança e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil- RCNEI (BRASIL, 1998), a criança é concebida “como todo ser humano e histórico, faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma determinada cultura, em um determinado momento histórico”. O RCNEI reafirma a idéia de que a criança é sujeito histórico e cultural, trazendo por isso mesmo, marcas do tempo e do contexto histórico em que está inserida. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI em seu Art. 4º enfatizam a centralidade da criança ao dizer que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

*Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: ladyanebl@hotmail.com

Nesses documentos, podemos perceber uma concepção de criança cidadã, possuidora de direitos e produtora de conhecimentos e chama nossa atenção para a necessidade de educar essa “nova criança” dentro de uma proposta curricular que leve em consideração os modos de pensar, aprender e construir conhecimentos próprios da criança. Diante disso, as propostas de educação e cuidado organizadas na educação infantil devem ter como centro essa criança viva, falante, que opina, discorda, interage, escolhe, desenvolve e aprende por meio da brincadeira.

Nesse contexto, a educação infantil e o currículo a ser desenvolvido nela devem levar em consideração a capacidade que a criança tem de produzir cultura, de interagir e dialogar utilizando diferentes linguagens. Por isso, as propostas organizadas para elas devem superar a antiga ideia de criança como receptáculo de informações e do professor como depositário de conhecimentos de forma mecânica. Essa nova ideia sobre criança influencia também as interações que se realizam na família e no meio cultural em que a mesma está inserida, determinando seu desenvolvimento e aprendizagem.

Sabemos que mesmo antes de frequentar qualquer instituição de ensino a criança traz os conhecimentos culturais, oriundos da convivência familiar. Essas experiências devem ser valorizadas pela escola e orientar o planejamento de atividades para elas, dando oportunidades para ampliarem o universo cultural. Para isso, é importante que as instituições de educação infantil invistam na capacitação de seus profissionais, visando à melhoria e à mudança nas relações estabelecidas cotidianamente com as crianças, reconhecendo-as como sujeito social e de direitos. Para Rossett (2004,p.9) “o professor é um mediador de diferentes relações: entre as crianças e o saber, entre as crianças e o mundo que cerca, entre elas mesmas, entre elas e o mundo imediato”.

Para acontecer essa mediação, é preciso que o professor planeje atentamente cada ação, visando atender mais amplamente às necessidades das crianças e, para isso, é importante que conheça seus alunos profundamente. Sugere-se a observação atenta dos alunos e alunas para verificar as atividades realizadas no cotidiano da escola, que podem ser aperfeiçoadas pelo professor.

Essa pesquisa aborda os seguintes aspectos: analisar as atividades que as crianças realizam; observar os espaços e as atividades que preferem ficar e brincar; anotar as brincadeiras que realizam espontaneamente e os momentos em que ficam mais agitadas ou tranquilas; os brinquedos que preferem; as interações e as brincadeiras que realizam. Essas informações poderão orientar o planejamento das mediações do professor, na medida em que darão ideias sobre como deverá estruturar o espaço escolar, procurando ampliar as atividades

significativas para as crianças, acentuando o processo de ensino- aprendizagem. De posse dessas informações, o professor poderá organizar os espaços, realizar as mediações, planejar propostas de atividades lúdicas para as crianças, dando ênfase às atividades que preferem.

As DCNEI reiteram a importância das atividades lúdicas na educação infantil ao estabelecer em seu Artigo 9º que “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira [...]”. Nesse importante documento podemos perceber a centralidade das brincadeiras para as crianças e a necessidade de que as propostas organizadas para elas sejam dispostas de modo a prever as atividades lúdicas como eixo norteador para as demais ações desenvolvidas.

Nessa dimensão, o espaço físico da instituição deve ser valorizado, uma vez que nele as propostas serão realizadas. Craidy (1998) ressalta a ideia de que o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. Entendemos que o olhar atento do professor para a criança, a organização do espaço físico e o cuidado com o planejamento das atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento amplo da criança, por meio das interações entre as crianças e adultos, permitindo assim que professor obtenha êxito nos objetivos propostos.

Segundo o RCNEI (1998), a organização dos espaços e dos materiais se constitui em um instrumento fundamental para a prática educativa com crianças pequenas. Isso implica que, para cada trabalho realizado com as crianças, deve-se planejar a forma mais adequada de organizar o mobiliário dentro de sala, assim como, introduzir materiais para a montagem de ambientes novos, ligados ao projeto em curso. Além disso, a aprendizagem transcende o espaço da sala, toma conta da área externa e de outros espaços da instituição e fora dela. A praçinha, o supermercado, a feira, o circo, o zoológico, a biblioteca, a padaria etc. são mais do que locais para simples passeio, podendo enriquecer e potencializar as aprendizagens, incluindo assim a criança pequena como cidadã no espaço social onde convive.

Zabalza (1998, p.120.) reitera essa importância e diz que:

O espaço na educação é constituído como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas. Será estimulante ou, pelo contrário, limitante, em função do nível de congruência em relação aos objetivos e dinâmica geral das atividades que forem colocadas em práticas ou em relação aos métodos educacionais e instrutivo caracterizem o nosso estilo de trabalho.

Para tanto, os cantinhos educativos se destacam, por permitirem que se trabalhe em sala de aula, tendo a sala organizada de modo a dar uma funcionalidade aos materiais e brinquedos, com vistas a atingir o objetivo a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança, conforme DCNEI (Artigo 8º, inciso II).

É com essa concepção que entendemos que organizar um espaço requer do professor saber a intenção e o objetivo que cada espaço propõe para o aprendizado da criança em sala de aula, fazendo com que ela sinta interesse em estar presente e participante desse ambiente escolar. O ambiente da sala de aula deve ser acolhedor, onde a criança sinta-se à vontade e desenvolva suas habilidades psicológicas e psicomotoras. Para Oliveira (2007, p.116):

[...] a criança participa ativamente em seu desenvolvimento através de suas relações com o ambiente, especialmente em suas interações com adultos e demais crianças (coletâneas ou mais velhas), dentro de um contexto sócio-histórico específico. Ela explora, descobre e inicia ações em seu ambiente; seleciona parceiros, objetos, equipamentos e áreas para a realização de atividades, mudando o ambiente através de seus comportamentos infantis são influenciados pelo ambiente fornecido pelos adultos de acordo com seus objetivos, construídos com base em suas expectativas culturais relativas aos comportamentos e desenvolvimento infantis.

É importante salientar que o educador deve elaborar junto com as crianças as responsabilidades, os cuidados e as regras para utilização desse espaço, para que o ambiente possa manter-se organizado, acolhedor e educativo para todos. Os professores da instituição devem concebê-lo não apenas como um espaço para brincar, mas como um ambiente no qual a criança constrói sua identidade, seu sentimento de pertencimento e a convivência com outras crianças. É no espaço da escola que a criança pode sentir-se integrada às propostas educativas e às interações propostas. Por isso, não podemos vê-lo apenas como um lugar onde as crianças brincam, mas é importante compreendê-lo como determinante para as interações e as aprendizagens.

A ideia que se tinha anteriormente, era a de que o espaço era pano de fundo apenas para as propostas realizadas pelo professor, tendo uma dimensão passiva e afastada dos processos construtivos da criança. Hoje, sabemos que o espaço deve ser planejado, utilizado, organizado e experimentado pelas crianças junto com o professor. É com a parceria das crianças que os cantinhos, dentro e fora da sala de aula devem ser organizados e sua elaboração pode fazer parte das propostas pensadas pelos professores.

2 Conhecendo a Escola

2.1 Aspectos situacionais da Escola

Campo de realização da Prática Pedagógica IV, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Josefa Araújo Pinheiro está localizada na Rua Joaquim Virgulino, s/n, centro, na cidade de Esperança – PB. Na comunidade onde ela está localizada tem Igrejas Evangélicas e Católicas, mercadinho, cemitério, como também outras escolas e creches.

Construída através de recursos do salário “Educação Quota Federal”, convênio do MEC/DEF. sua inauguração foi realizada no dia 31/03/1975, pelo prefeito municipal da época, Sr. Luiz Martins de Oliveira.

Atualmente a escola atende nos três turnos: manhã de 7:00hs as 11:00hs – 2º ao 5ºano; tarde de 13:00hs as 17:00hs – pré I ao 2º ano; noite de 19:00hs as 21:00hs – EJA (Educação de Jovens e Adultos). Sob a coordenação da gestora prof. Clemilda Batista de Araújo e a adjunta Cleide Costa de Oliveira.

O nível socioeconômico dos alunos é variável, alguns tem como única fonte de renda os benefícios sociais do governo, como Bolsa Família, outros, vivem da aposentadoria dos avós, como também tem crianças que vem de famílias desestruturadas, que moram com avós por não terem conhecido o pai.

O atendimento médico dessas crianças é feito através do Projeto de Saúde da Família (PSF), os quais são vários e são localizados em todas as regiões da cidade.

2.2 Estrutura física e material da Escola

A área física da Escola Municipal de Ensino Fundamental Josefa Araújo Pinheiro não foi informada, mas a mesma se encontra em bom estado de conservação. O seu espaço físico encontra-se distribuído em sete salas de aula, amplas e arejadas, entre elas uma está sendo aperfeiçoada para informática; tendo também uma sala para a diretoria e professores, cozinha, depósito, doze banheiros (três para os professores, cinco masculinos e quatro femininos), uma sala de espera e um pátio amplo, o mesmo não está adaptado para a educação infantil, faltando parque recreativo, ausência de refeitório.

Na escola dispõe de filtros para os alunos, geláquia para os professores, TV, DVD, dois arquivos, estantes, um fichário, um mimeógrafo, um computador com internet, impressora multiprofissional, duas geladeiras, um freezer e fogão.

Em relação ao material pedagógico, oferece uma variedade de opções, ou seja, material dourado, ábaco, blocos lógicos, quebra-cabeça, livros, dicionários, Bíblia, o corpo

humano (manequim) e um globo. A quantidade de carteiras e cadeiras é proporcional ao número de alunos, tendo carteiras adaptadas ao tamanho das crianças nas turmas da Educação Infantil.

2.3 Ações educativas desenvolvidas na Escola

O conselho escolar foi formado através da eleição direta dos membros representantes da escola (gestores, professores e funcionários), pais de alunos, membros da comunidade e a equipe multiprofissional.

A Escola não possui conselho de classe ou grêmio estudantil, por ter uma clientela de Educação Infantil e Fundamental I, as crianças têm uma faixa etária baixa para participar de ambos.

A cada bimestre, são realizadas reuniões com os pais, momento este em que são entregues as provas dos alunos. Estas reuniões são realizadas por série, sempre após o intervalo, para não atrapalhar (muito) as aulas. Mas, vale salientar que sempre que for necessário estas reuniões podem ser realizadas, como ocorreu quando estávamos estagiando. A equipe multiprofissional sentiu a necessidade de reunir os pais das crianças que estavam com dificuldade.

2.4 Organização Pedagógica da Escola

A instituição possui um Projeto Político Pedagógico que foi elaborado em 2006, pela gestão anterior. Tendo como objetivo geral desenvolver uma gestão participativa, visando à construção de um espaço democrático e a integração escola e comunidade, desenvolver no educando a conscientização em relação a assiduidade, frequência e participação ativa considerando as normas internas da escola. Os objetivos de atividades didáticas são semanais e realizadas pelos professores.

Os projetos para elaboração dos planos são bimestrais, são elaborados por cada equipe multiprofissional sendo discutido e o que não for necessário é retirado, depois de revisado em reunião com as outras equipes da Secretaria de Educação do Município, é implantado em todas as escolas municipais da cidade.

A escola tem como recurso financeiro o PDE (Plano de Desenvolvimento Escolar) e o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola). O PDE é um recurso novo, para consegui-lo é necessário que a comunidade escolar elabore um projeto que beneficie os alunos e os

professores. O primeiro projeto teve que ser reelaborado por não atender a regulamentação exigida pelo plano para inclusão social.

O recurso do PDDE é enviado ao Ensino Fundamental, sendo usado na limpeza e conservação do prédio, bem como na compra de material didático e de consumo.

O processo de avaliação é contínuo. Na avaliação contínua, os aspectos como assiduidade, comportamento, participação nas aulas e a pontualidade dos alunos, são considerados. Na educação infantil a avaliação é feita através de acompanhamento e observação do seu desenvolvimento.

3 A Brincadeira e o desenvolvimento da criança

A brincadeira esta presente na vida do ser humano desde sempre, mas observamos com mais frequência na infância. A brincadeira vai evoluindo à medida que a criança vai se desenvolvendo, segundo Piaget (1971) “quase todos os comportamentos [...] são suscetíveis de se converter em jogo, uma vez que se repetem por assimilação pura, isto é, por simples prazer funcional.” (PIAGET, apud, FRIEDMANN, 2012, p. 28), desse modo ele distingue o jogo em três tipos de fases ou estruturas: o jogo de exercício, onde é encontrado na primeira fase de desenvolvimento da criança, do seu nascimento até mais ou menos um ano e meio, essa fase é dividida em duas categorias os jogos de exercício sensório-motores e o de pensamentos; outra fase do jogo é os jogos simbólicos, essa fase esta presente a partir do momento que surge a linguagem da criança, até aproximadamente 6-7 anos; a outra fase do jogo é o jogo de regras presente a partir dos 6-7 anos em diante.

O jogo de exercício, ou melhor, o sensório-motor esta presente na vida da criança desde seu nascimento, seu primeiro brinquedo é seu próprio corpo, quando descobre as mãos e começa a leva-la a boca, rola de um lado para o outro, “no início da vida, o bebê está aprendendo a lidar com o próprio corpo, e a brincadeira tem um papel importantíssimo nessa aprendizagem, pois possibilita a troca com o meio.” (BATISTA, 2009, p. 105). Nessa fase a criança se relaciona com funções motoras como o pegar, apertar objetos, nesse momento o brinquedo é muito importante como estimulador.

A partir dos 18 meses a criança passa a aproveitar melhor o ambiente que a cerca, explorando cada objeto, criando um novo significado para cada um, e seus movimentos repetitivos não lhes dão mais prazer como antes, surgindo movimentos novos.

O jogo simbólico caracteriza a fase que vai desde os 2 anos a aproximadamente 6-7 anos, nessa fase a criança brinca de faz de conta, representando o seu cotidiano, segundo Friedmann (2012, p. 31)

Os conteúdos são o objeto das atividades da criança e de sua vida afetiva possíveis de ser evocados e pensados graças ao símbolo, que prolonga o exercício como estrutura lúdica. O símbolo não constitui conteúdo em si mesmo. Por exemplo, quando a criança brinca de mamãe-filhinha com uma boneca (símbolo) – representando o cotidiano, dando comida, banho, bronca (conteúdo da brincadeira) –, é a boneca que facilita a evocação dos efeitos afetivos da criança.

Nessa fase a criança assume papéis, representando o que lhe aconteceu no dia a dia, elas “não brincam para aprender a lavar-se ou a dormir, mas para utilizar com liberdade suas habilidades individuais, reproduzir suas ações para mostrá-las a si próprias e aos outros.” (FRIEDMANN 2012, p. 31).

Com relação ao jogo de regras, ele é característico da fase dos 6-7 anos em diante, nessa fase a criança começa a ver a necessidade de brincar com mais frequência com outras crianças, por causa das brincadeiras escolhidas, vendo a necessidade de dividir com o outro, desse modo o jogo acaba contribuindo para a interação e socialização da criança. E também

Pode-se considerar que a criança se humaniza por meio da brincadeira na medida em que essa atividade lhe possibilita o uso de objetos, a interação com outras pessoas, a internalização de normas de conduta e de relações sociais. (Assis 2006, p.95)

Pois é através da brincadeira que a criança passa a conhecer o mundo ao seu redor, se relacionando com outras crianças, onde trocam ideias, favorecendo a socialização da mesma, a liberação de sua criatividade e adquirindo experiências.

Podemos ver que a brincadeira esta presente na vida do ser humano em todas as suas fases, pois ela é a base para outras atividades como o esporte, a dança, a lutas, a ginásticas, entre outros, portanto, todos podemos brincar e gostamos, por isso podemos proporcionar isso aos pequenos também.

Para Rousseau, a educação deveria estar voltada para as necessidades mais profundas e essências da criança, respeitando seus ritmos de crescimento e valorizando as características de cada idade infantil, em outras palavras, a educação da criança deveria ocorrer de modo natural (SOMMERHALDER e ALVES, 2011, p. 39)

De acordo com Batista (2009, p.102):

O uso do brincar na educação infantil prevê principalmente a utilização de práticas agradáveis e adequadas as crianças, capazes de fazer acontecer o aprendizado, dentro do seu mundo, das coisas que lhe são importantes e naturais, e que respeitem as características próprias das crianças, seus interesses e esquemas próprios de raciocínio.

O brincar, a brincadeira é “coisa de criança” não conseguimos deixar de ligar uma coisa à outra desse modo podemos utilizá-lo para termos mais atenção das crianças em sala, mas também não podemos deixar de concordar com o argumento de Emerique quando:

[...] penso que o próprio processo de aprendizagem pode ser visto como uma grande brincadeira de esconde-esconde ou de caça ao tesouro: tanto uma criança pré-escolar brincando num tanque de areia quanto um cientista pesquisando no laboratório de uma universidade estão lidando com sua curiosidade, com a busca do novo, que sustentam a construção de novos saberes. (EMERIQUE, 2004, apud, SOMMERHALDER e ALVES, 2011, p. 28).

Sommerhalder e Alves (2011, p.56) enfatizam ainda mais quando diz que:

É fundamental que o professor esteja atento aos interesses e necessidades de cada faixa etária no que diz respeito ao jogo. Esse cuidado pode evitar alguns contratempos durante as aulas. Aproximar seus interesses didático-pedagógicos com os interesses das crianças pode resultar numa aula mais rica e significativa em termos de aprendizagem. Além disso, é importante que o professor conheça os contextos culturais de cada criança, a fim de acolher as experiências lúdicas vivenciadas por elas nestes diversos contextos, procurando sempre ampliá-las. Isso significa que procurar saber de que brincadeiras ou jogos as crianças gostam e vivenciam pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo podemos fugir um pouco das aulas expositivas, e enriquecer as aulas com o brincar, resgatando o entusiasmo e atenção da criança para o saber, fazendo com que a criança desenvolva o interesse e a vontade de aprender.

4 Proposta de trabalho

O projeto de intervenção pedagógica intitulada “Organizando o espaço físico na educação infantil, como ferramenta para o aprendizado da criança” teve como objetivo criar um ambiente adequado e acolhedor na sala de jogos da Educação Infantil para se organizar os cantinhos educativos, visando atender as crianças da escola. A organização de cantinhos educativos na escola é importante, conforme reitera Horn (2004, p. 25) diz que:

A organização do espaço físico na educação infantil em cantos, em zonas semi-abertas, possa constituir-se para alguns educadores como forma de controle através

de arranjos espaciais, pois o professor observa e controla todas as ações das crianças sem ser o centro da prática pedagógica.

E Andrade (2000, p.86) completa ao diz que:

O essencial no uso deste espaço é que se descentralize a figura da educadora, que passa a atuar como elemento facilitador da interação das crianças em atividades e brincadeiras, sem depender tanto da mediação do adulto.

Para a intervenção, criação e organização dos Cantinhos Educativos, utilizamos uma sala desativada denominada sala de jogos, onde eram depositados os materiais que não seriam utilizados na escola. Na criação e ornamentação dos cantinhos, trabalhamos durante duas semanas, retirando objetos e entulhos que não seriam usados, dando mais amplitude ao espaço, categorizando os objetos e brinquedos, fazendo cartazes, sinalizando os cantinhos, levando em conta a possibilidade de diversificação de atividades e de materiais.

Como Batista (2009) afirma:

Os cantos favorecem a uma estruturação da sala que reúne dinamismo, a plasticidade e a flexibilidade característicos próprios das crianças. Seu objetivo principal é potencializar a autonomia cognitiva e, por esse motivo, as crianças escolhem o canto desejado. A própria criança decide, organizar e realizar a atividade que o canto incita (p.135)

Nossa proposta é que os cantinhos iriam propiciar às crianças um espaço para aprender brincando. Zabalza (1998) enfatiza as diversas oportunidades que os cantinhos permitem às crianças, possibilitando o contato com diferentes materiais, brinquedos, jogos bem como mudanças na organização dos grupos e nas interações que realizam. Como cita Sommerhalder e Alves (2011, p.14)

[...] Na concepção winnicotiana, a base do viver criativamente, assim como sua origem, está no brincar. Daí sua importância para o desenvolvimento da criança e seu valor educativo. Nessa direção, o professor pode contribuir para a ampliação das experiências lúdicas das crianças, fornecendo-lhes materiais e idéias, mas sem exageros, uma vez que elas são capazes de encontrar objetos e inventar brincadeiras com muita facilidade, o que lhes proporciona prazer.

Batista (2009, p. 136) reforça quando diz:

O papel do professor no momento de organizar os cantos é muito importante, pois, dependendo de como se disponham e se estruturam o espaço e os materiais, as crianças atuaram de forma ativa e motivadora ou não. As crianças devem encontrar em cada canto materiais que instiguem a experimentação e a manipulação, que estimulem sua capacidade criativa e imaginação.

Por isso, a seleção dos brinquedos, fantasias, e objetos que poderiam ser utilizados mereceu atenção e cuidados.

Após todo o trabalho, a antiga “sala de jogos” se tornou a “Sala de Cantinhos Educativos” que dividimos em cinco cantinhos denominados: Cantinho do Brincar, Cantinho das Artes, Cantinho dos Jogos Matemáticos, Cantinho da Dramatização e Cantinho das Ciências. Para a organização dos cantinhos foram utilizados os objetos “reciclados” da antiga sala e da escola, que víamos que tinham potencial para complementar os cantinhos. Esse trabalho demorou algumas semanas e constou de dedicação de muito tempo.

A partir desse momento passaremos a relatar as experiências vivenciadas em cada cantinho temático que organizamos, com ênfase nas interações das crianças durante o desenvolvimento das brincadeiras.

4.1 Cantinho do brincar

A brincadeira está presente em todos os estágios da vida humana, seja ela no estágio infantil, adolescente ou adulto. É através da brincadeira que as crianças tem a capacidade de criar novos ambientes apropriando-se da realidade imediata atribuindo novos significados. O RCNEI (1998, p.27) afirma que:

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformadora, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade, anteriormente vivenciada.

Para Sommerhalder e Alves (2011, p. 13)

É no “como se” da brincadeira/jogo que a criança busca alternativas e respostas para as dificuldades e/ou problemas que vão surgindo, seja na dimensão motora, social, afetiva ou cognitiva. É assim que ela testa seus limites e seus medos, é assim que ela satisfaz seus desejos. É assim também que ela aprende e constrói conhecimentos, explorando, experimentando, inventando, criando. Em outros termos, é assim que ela aprende o significado e o sentido, por exemplo, da cooperação, da competição, é assim que ela explora e experimenta diferentes habilidades motoras, que ela inventa e cria novas combinações de movimentos, é assim que ela consegue reconhecer valores atitudes como respeito ao outro etc.

É na brincadeira que a criança desenvolve seus sentidos sócio motores começando pela primeira infância, como diz Oliveira e Milani (2006, p. 13).

As brincadeiras do bebê são funcionais e práticas, visando ao êxito da ação. Propiciam não só o conhecimento de suas possibilidades e limitações sensório-motoras, mas também, juntamente com elas, a primeira noção de consciência de si mesmo, assim como de conhecimentos do outro e do ambiente. Desta forma, pode-se dizer que o brincar do bebê com seus movimentos e sensações serve de base para todo o desenvolvimento posterior, assim como para a saúde mental da criança, que se constrói a partir de uma auto-imagem positiva e interativa.

No ato de brincar, a criança tem a ação de promover sinais, gestos e os espaços se apresentam totalmente diferentes do que apresentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam acontecimentos que vivenciaram ou perceberam, dando nova dimensão aos objetos, pessoas e ambientes em que brincam.

Brincando de “como se” a criança amarra passado, presente e futuro na tentativa de dar sentido às experiências vividas na realidade, ou seja, ao brincar a criança inventa o constrói um cenário onde faz circular seu desejo e dá sentido às experiências vividas por ela. Esse processo de criação envolve a experiência que a criança tem de si, a qual é codeterminada pelo inconsciente. Viver uma experiência significa ser afetada por alguma coisa, pessoa ou situação. Essa vivência é perfeitamente perceptível para o sujeito, ou seja, é consciente. (SOMMERHALDER e ALVES, 2011, p. 19)

Para “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessitam de aprendizagem”. (BROUGÉRE, 2002, p.20). Brincando a criança desenvolve também o movimento e desempenho psicológico, “[...] o brincar representa um fator de grande importância na socialização da criança, pois é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico.” (FIDELIS e TEMPEL, 2005, p.22) Nesse sentido, brincar deve ser estimulado pelos professores, ensinado e propiciado às crianças na educação infantil.

No cantinho do brincar foram disponibilizados para as crianças carros, bonecas, aviões, palhaços entre outros brinquedos, organizados em prateleiras e mesas em local de fácil acesso para que elas pudessem manusear com facilidade, pois:

[...] o adulto pode ampliar as experiências lúdicas das crianças, fornecendo-lhes materiais e idéias, mas sem exageros, uma vez que elas são capazes de encontrar objetos e inventar brincadeiras com muita facilidade, o que lhes proporciona prazer. No caso da criança, a fertilidade das experiências tanto interna como externa encontra-se principalmente no brincar e na fantasia. (SOMMERHALDER e ALVES, 2011, p. 27)

No primeiro contato das crianças com o cantinho, elas demonstraram grande entusiasmo ao entrarem naquele ambiente organizado para recebê-las. Pareciam estar entrando em um mundo mágico, desconhecido.

As meninas ficaram impressionadas com a quantidade de bonecas e utensílios para o lar em miniatura que estavam postas em várias caixas ornamentadas e nas prateleiras. Os meninos exibiam a *performance* de motorista ao se depararem com a diversidade de carros e outros objetos disponíveis. Entre barulhos de buzinas e derrapadas de carros, as brincadeiras envolviam as crianças durante um bom tempo.

Anteriormente à visita, conversamos com as crianças sobre os objetivos do cantinho, informando como ele estava organizado, os objetos que estavam disponíveis e o que poderiam desenvolver. Observações sobre guardar e preservar os brinquedos e as regras de comportamento foram discutidas com todas as crianças, antes da visita. Pedimos a elas para que inicialmente, observassem o espaço para em seguida desenvolver as brincadeiras. Às vezes, a expectativa e o entusiasmo das crianças era tão grande, que era quase impossível contê-las. Após a preparação das crianças para a utilização dos cantinhos e ouvir as conversas que estabeleciam entre si sobre quais brinquedos iriam pegar, ou o que elas iriam fazer, era chegada a hora de deixá-las experimentar o contato com todos os brinquedos.

A experiência foi “maravilhosa”, ao mesmo tempo em que as crianças pegavam e utilizavam os brinquedos, também transformavam objetos em brinquedos, que na brincadeira ganhavam vida e função de acordo com a sua imaginação, como por exemplo:

[...] um cabo de vassoura, em alguns momentos, pode ser o cavalinho de pau, em outros pode ser a lança, tudo depende da imaginação da criança. Desta forma, podemos dizer que a beleza do brinquedo decorre de sua capacidade de instigar a imaginação da criança, e não da possibilidade de imitação e gestos. (SOMMERHALDER e ALVES, 2011, p. 15).

Vale salientar que, a visita das crianças ao cantinho era acompanhada pela professora da turma sob a nossa coordenação. A participação da professora foi boa, pois ela ajudou a organizar as crianças e os brinquedos no espaço disponível. Segundo Silveira e Afonso (2009), o brincar orientado, apoiado, acompanhado pelo adulto pode garantir avanços educativos consideráveis na educação das crianças. Se é brincando que ela representa o seu cotidiano, a brincadeira é o lugar da intervenção, o tempo da conversa, da orientação.

Foram diversas brincadeiras desenvolvidas entre as crianças com os objetos e brinquedos disponíveis, desde casa de bonecas à minis fazendas. As crianças neste momento

assumiam o papel, de mães (as meninas), de pais ou donos de fazenda (os meninos), pois a vontade das crianças é de ser adulto, como relata Sommerhalder e Alves (2011, p. 22)

Os jogos e brincadeiras infantis são norteados por um grande desejo: o de ser adulto [...] a criança acredita que o adulto pode tudo, ou seja, que ele é onipotente, que tem o domínio sobre a realidade. Ao se colocar no espaço imaginário do jogo, a criança consegue ascender a tão desejada onipotência que credita ao adulto.

Podemos perceber que a criança nunca assume o papel do bebê da casa, sempre é o adulto ou filho mais velho, pois ser o adulto os coloca na posição de poder onde inverte a realidade em que a criança se encontra.

Em alguns momentos os meninos preferiam brincar afastados das meninas, mas com o incentivo à socialização dos brinquedos não havia distinção de sexualidade, procuramos ao máximo aproximar meninos e meninas nas brincadeiras para que não houvesse distensões de sexos nas brincadeiras nem nos brinquedos, tantos os meninos assumiam papéis nas brincadeiras de casinha com as meninas, como as meninas assumiam papéis nas brincadeiras dos meninos.

Após todo o momento de interação e brincadeiras, cerca de uma hora, aproximadamente, chegou a hora de voltar à sala de aula. Algumas crianças não aceitavam a volta e queriam a todo custo permanecerem na sala dos cantinhos, mas depois da conversa com a professora regente, aceitaram voltar, mas com a condição de retornar mais vezes. Todos organizaram os brinquedos no seu lugar de origem e voltaram para a sala de aula.

4.2 Cantinho dos jogos matemáticos

Falar em matemática, logo vem à mente números, contas, sinais, entre outros símbolos que algumas vezes podem provocar medo e dificuldades, tanto para o professor quanto para os alunos. Diariamente passamos por situações que constatamos a presença decisiva da matemática nos permitindo resolver problemas cotidianos e no mundo do trabalho.

Além do contexto dinâmicos a que os jogos estão relacionados, o jogo é uma atividade natural no desenvolvimento dos processos de desenvolvimento psicológico básicos; supõe um “fazer sem obrigação externa imposta”, embora demande exigências, normas e controle (PCNS, 2001).

A função em que os jogos estabelecem as crianças possui um sentido funcional, pois, ao mesmo tempo em que há um estímulo à brincadeira, os jogos são exercícios significantes para o desenvolvimento da coordenação motora entre outros aspectos psicológicos da criança.

[...] A educação infantil, historicamente, configurou-se como o espaço natural do jogo e da brincadeira, o que favoreceu a ideia de que a aprendizagem de conteúdos matemáticos se dá prioritariamente por meio dessas atividades. A participação ativa da criança e a natureza lúdica e prazerosa inerentes a diferentes tipos de jogos têm servido de argumento para fortalecer essa concepção, segundo a qual se aprende Matemática brincando (BRASIL, 1998, p. 210-211)

Optamos por unir o cantinho dos jogos matemáticos com o cantinho da memorização, pela semelhança em que os jogos mantinham para o desenvolvimento psicológico das crianças. Os jogos disponíveis para as crianças eram de montar peças iguais e diferentes, quebra-cabeças de números, dominós de quantidade e números, letras, sílabas, palavras e animais, além de peças para montar de diferentes tamanhos, jogos de madeira entre diversos outros.

Estes jogos estimulam o desenvolvimento motor e cognitivo, auxiliando na aprendizagem de cores e números, como também ensinam a competir e cooperar com o outro. Por exemplo, o jogo de dominó estimula o conhecimento das cores, faz com que as crianças se familiarizem com os números e as respectivas quantidades, como também estimula a competição, a cooperação e respeito. Foram explicadas as regras do jogo aos grupos, uns já sabiam como jogar, outros ainda não, mas não tiveram dificuldades em conhecer e jogar, com os pequenos a intervenção da professora foi mais solicitada pela falta de conhecimento de números, pois eles encaixavam as peças pelas cores e não pela numeração ou quantidade, e uns jogavam na vez do outro, ansioso em participar logo, nestes momentos as professoras intervinham, com os maiores a intervenção da professora foi pouco solicitada, as crianças que sabiam jogar auxiliava a outra, quando um jogava na vez do outro ou quando colocava a peça errada o colega o ajudava, respeitando e cooperando com o outro.

Os jogos de montar estimulava coordenação motora das crianças menores, quando conseguiam encaixar as peças corretamente a alegria e euforia contagiava, à criatividade e a imaginação eram mais vistas com as crianças maiores onde construía prédios e cidades, onde mesclávamos construções com as peças dos jogos de montar e outras com os de madeira. Os quebra-cabeças eram mais solicitados pelas crianças maiores onde a coordenação motora e a curiosidade em ver as imagens prontas dominavam. Nos jogos de letras, sílabas, palavras e animais, as crianças arriscavam falar o que eram cada uma, acertando e as vezes errando, mas as crianças que sabiam já corrigiam e outras já montavam palavras ou frases.

Como as crianças maiores já tinham noção de que maneira trabalharíamos, elas entraram na sala e ficaram observando o espaço e os materiais disponíveis, esperando o

momento em que poderiam utilizar os jogos. Antes do contato, questionamos o que as crianças achavam que iriam encontrar no cantinho dos jogos matemáticos e da memorização, de imediato, elas disseram – “jogos de números e de somar!”.

O contato com os jogos foi impressionante, as crianças criaram equipes para desenvolver cada jogo, em nenhum momento houve qualquer discussão entre elas, e sim uma união e socialização dos jogos. Segundo o RCNEI (1998), as crianças exploram o espaço ao seu redor e, progressivamente, por meio da percepção e da maior coordenação de movimentos, descobrem profundidades, analisam objetos, formas, dimensões, organizam mentalmente seus deslocamentos. Diante disso, a contribuição do adulto, as interações entre as crianças, os jogos e as brincadeiras podem proporcionar a exploração espacial contidas nos objetos, nas relações espaciais. Aqui podemos perceber que a brincadeira

[...] ajuda a criança a ser menos egocêntrica, proporciona a criança viver momentos de colaboração, competição e também de oposição, ensina a criança conhecer regras respeitando o companheiro e aumenta os seus contatos sociais, proporciona a elaboração de algumas estruturas: ordenação classificação, estruturação de tempo e espaço, estratégias para vencer o colega. Ajuda, também, a criança a se comunicar e expressar (FIDELIS e TEMPEL, 2005, p. 24).

4.3 Cantinho das artes

As Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidades por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos bordados, entalhes etc. O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atribuídos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais. (RCNEI v3, p. 85).

A arte esta presente na vida de uma criança desde pequena quando pega um papel e faz seus primeiros rabiscos, quem na sua infância nunca rabiscou a parede de sua casa, ou marcou suas mãos com tinta em um papel ou parede, a principal importância desse cantinho é reviver estes momentos sem compromissos ou cobranças.

As crianças conseguem expressar varias vezes o que sentem através de suas pinturas e desenhos, expondo suas alegrias e tristezas, bem como, expondo seus desapontamentos, restando ao adulto conseguir desvendá-los.

A arte, desde cedo, sofre influência da cultura, seja por meio de materiais e suportes, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças, etc. (RCNEI, 1998. p. 88). E como vimos à arte das crianças esta sofrendo algumas alterações diante a sociedade. Cabe um fazer profissional onde insira metodologicamente a arte como desenvolvimento das habilidades das crianças. O RCNEI (1998) comenta que o desenvolvimento da imaginação criadora, de expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderá ocorrer no fazer artístico, assim como a produção de arte presente nos museus. O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado, também na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação.

Pensando nos atributos que o fazer artístico traz para o desenvolvimento da criança, realizamos acréscimo de atividades de incentivo a arte na sala de cantinhos educativos.

No cantinho das Artes optamos trabalhar a releitura das obras do pintor espanhol Pablo Picasso. Foram colocadas no cantinho das Artes sobras de pintura e distribuídas entre as equipes pedaços de cartolinas, lápis grafite, borracha, pincéis e tintas de diferentes cores e organizadas equipes com as crianças para o desenvolvimento das atividades. Cada equipe recebeu os materiais citados acima para realizar a atividade. Depois de aproximadamente uma hora de gritos, entusiasmos, conversas e trocas, as crianças mostram suas obras primas. Com esta atividade podemos observar a socialização das crianças, onde conversavam e combinavam as cores e desenhos, bem como momentos de descontração, compartilhando tintas, pincéis, deixando o individualismo de lado.

4.4 Cantinho da dramatização

Como trabalhar o teatro em uma sala de Educação Infantil? O teatro é de grande importância para as crianças, pois através dele a criança aprende a se relacionar melhor com as pessoas, perdem a timidez e podem compreender melhor algumas situações sociais. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (1997, p. 84):

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só a função integradora, mas dá oportunidades para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da influencia criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio. (p. 84)

Através do teatro as crianças aprendem a dividir brinquedos, a explorar o mundo, a socializar com outras crianças, e acima de tudo a conviver com a diversidade de culturais.

Os professores podem utilizar a dramatização para ajudar as crianças a se comunicarem e expressarem. Geralmente, as crianças gostam de brincar de teatro, pois nessa atividade elas imaginam, fazem seus próprios mundos e divertem muito. O teatro também ajuda na cooperação e na socialização das crianças, pois pode envolver todos os alunos da sala, permitindo a interação de todo o grupo. Nesse momento podem ser trabalhados temas como inclusão, identidade, autonomia e diversidade, envolvendo o grupo inteiro. O professor pode propor temas que fazem parte do cotidiano da criança, desafiando-a a viver papéis diferentes a cada situação, propiciando a vivência de situações nas quais possam criar e inventar personagens, diálogos, modos de agir e vestir. Essa prática faz com que as crianças aprendam, cresçam e desenvolvam uma consciência crítica, por meio da abordagem de temas que eles gostam e assuntos da realidade, para que eles cresçam adultos conscientes e participativos. Por isso:

É essencial que o professor esteja disponível a acolher as produções lúdicas da criança e reconhecer nelas sua íntima ligação com o aprender. O acolhimento do jogo significa o acolhimento da cultura lúdica infantil, o que remete a compartilhar com a criança suas brincadeiras, seus jogos, as histórias de instigar a curiosidade da criança, de seduzi-la a descobrir e descobrir-se, a criar e a criar-se, enfim, de seduzi-la a desejar conhecer, o que implica conhecer-se. No jogo compartilhado com a criança, acolher as fantasias, provocar o despertar da criatividade e do desejo do saber. Não se trata simplesmente de sugerir uma brincadeira ou deixar que as crianças brinquem livremente, mas de “brincar com”, de compartilhar com as crianças suas produções, de criar espaços para que possam atribuir significados a estas produções e também apropriar-se da cultura lúdica. Ao compartilhar as brincadeiras com as crianças, o professor compartilha também das fantasias colocadas em cena pelas crianças, sem contar suas próprias fantasias (infantis). (Sommerhalder e Alves, 2011, p.55)

Com isso reiteramos a importância da participação e do incentivo da professora, ao oferecer materiais, roupas, maquiagem, tempo e espaço para que as crianças possam inventar e criar espontaneamente as brincadeiras, no Cantinho da Dramatização.

É um espaço em que a criança pode experimentar, descobrir, criar e recriar experiências e saberes sobre si próprias e sobre o mundo que a cerca. Levin (1997) entende o ato de brincar como um espelho simbólico, e não apenas imaginário, a partir do qual é possível transformar o pequeno em grande, o grande em pequeno, a criança em adulto, o adulto em criança, os pais em crianças e as crianças em pais, o traumático em dramático, o sofrimento corporal em cena de ficção etc. (SOMMERHALDER e ALVES, 2011, p. 20)

Os recursos disponíveis para as crianças no cantinho da dramatização eram fantasias, chapéus, perucas, óculos e diversos acessórios. Nesse cantinho as crianças tiveram oportunidade de ter contato direto com os diferentes objetos e materiais, onde vestiam e formavam equipes para apresentação.

Formadas as equipes, de acordo com a roupa/ fantasia, começavam as apresentações. Apresentaram-se artistas como: Tiririca, Mamonas Assassinas, Justin Beiber, É o tcham, entre outros. As apresentações eram feitas no espaço disponível para o cantinho e as exposições eram socializadas para todo o grupo de crianças presentes. A professora da turma estava presente e sempre ajudava quando solicitada pelas crianças.

Observamos que durante a realização dessa atividade as crianças trocavam muito frequentemente de personagens. Ao ver os colegas vestidos com outras personagens também queriam experimentar e por isso, percebemos a troca de personagens e a mudança de fantasias muito frequente.

4.5 Cantinho das Ciências

As crianças mantêm contato diariamente com a natureza, seja com o contato com animais ou plantas, em seu convívio familiar, e é no contato com o ensino institucionalizado que as crianças passam a conhecer melhor o conhecimento sobre a natureza e a vida se processa contribui para o aluno se posicionar com fundamentos acerca de questões bastantes polêmicas e orientar suas ações de forma mais consciente. O PCN ainda complementa:

O ensino Ciências Naturais também é espaço privilegiado em que as diferentes explicações sobre o mundo, os fenômenos da natureza e as transformações produzidas pelo homem podem ser expostos e comparados. É espaço de expressão das explicações espontâneas dos alunos e daquelas oriundas de vários sistemas explicativos. (p.22)

Os RCNEI reforça dizendo:

Dada a grande diversidade de temas que este eixo oferece, é preciso estruturar o trabalho de forma a escolher os assuntos mais relevantes para as crianças e o seu grupo social. As crianças devem, desde pequenas, ser instigadas a observar fenômenos, relatar acontecimentos, formular hipóteses, prever resultados para experimentos, conhecer diferentes contextos históricos e sociais, tentar localizá-los no espaço e no tempo. Podem também trocar ideias e informações, debatê-las, confrontá-las, distingui-las e representá-las, aprendendo, aos poucos, como se produz um conhecimento novo ou por que as ideias mudam ou permanecem. Contudo, o professor precisa ter claro que esses domínios e conhecimentos não se consolidam nesta etapa educacional. São construídos, gradativamente, na medida em que as crianças desenvolvem atitudes de curiosidade, de crítica, de refutação e de

reformulação de explicações para a pluralidade e diversidade de fenômenos e acontecimentos do mundo social e natural. (p.172-173)

O mundo das ciências é amplo e diverso, trabalhar com essa disciplina requer dos profissionais saberem diversificar. O trabalho pode exigir diversas metodologias e estas devem motivar as crianças a buscarem informações e conhecimentos por meio da pesquisa. De acordo com o RCNEI (1998, p. 166) o trabalho com os conhecimentos derivados das Ciências Humanas e Naturais deve

ser voltado para a ampliação das experiências das crianças e para a construção de conhecimentos diversificados sobre o meio social e natural. [...] refere-se à pluralidade de fenômenos e acontecimentos — físicos, biológicos, geográficos, históricos e culturais —, ao conhecimento da diversidade de formas de explicar e representar o mundo, ao contato com as explicações científicas e à possibilidade de conhecer e construir novas formas de pensar sobre os eventos que as cercam.

No contexto de metodologias que favorecessem a descoberta e a pesquisa por parte das crianças trabalhamos o Cantinho das Ciências, que propiciou a elas experiências e experimentações, o conhecimento e a construção de hipóteses sobre os temas abordados. Não podemos encontrar diversos animais em miniatura e jogos de montar do corpo humano, mapas, globo terrestre, jogos de montar, quebra-cabeça etc. Trabalhamos com as crianças tipos de animais: animais nocivos à saúde, animais domésticos e animais selvagens. As crianças permaneceram sentadas nos tapetes aleatoriamente. Primeiramente questionamos as crianças se as mesmas conheciam e poderiam descrever características dos tipos de animais citados. Algumas confundiam mais outras denominavam perfeitamente. Então começamos a teorizar cada tipo de animal. Pedimos que cada criança levantasse e pegasse a miniatura que lhe conveniasse e explicasse que tipo de animal era aquele e explicasse por que. Todos desempenharam a atividade proposta, alguns erravam o tipo, o que não era problema, pois de imediato outras crianças concertavam o erro.

Executada a primeira proposta, entregamos aleatoriamente pedaços de folha de ofício e construímos dobraduras de animal nocivo e animal doméstico (gato e rato). Dobraduras prontas partiram para o momento do acabamento. Distribuídos canetas hidrocor para as mesmas terminassem o acabamento. A alegria foi contagiante, as crianças estavam maravilhadas com as dobraduras que tinham confeccionado.

Ao término da experiência do Cantinho das Ciências, explicamos que durante aquela semana era a última vez que as crianças iriam participar da sala de cantinhos educativos junto

às estagiárias, e que daquele dia em diante as professoras eram responsáveis na atuação da sala.

5 Considerações finais

Ao término deste trabalho, concluímos que os cantinhos educativos elaborados, além de aproveitar brinquedos e objetos, antes abandonados e reavivar uma sala desativada, promoveu a exploração ativa do ambiente escolar e incentivou novos procedimentos e técnicas de ensino mais flexíveis.

Promovemos e incentivamos a possibilidade de as crianças: manipular, jogar e experimentar, brincar de forma mais autônoma, levando em conta sua capacidade de organização, interação, criatividade e espontaneidade. É de grande importância ressaltar que os materiais, brinquedos e objetos organizados nos diversos cantinhos foram colocados em locais de forma “convidativa e acolhedora” motivando as ações de interação das crianças.

Podemos presenciar a importância do brincar na Educação Infantil, onde podemos concordar com Sommerhalder e Alves (2011, p.16) quando afirmam que a

[...] riqueza de experiências vivenciadas pela criança ao brincar, podemos dizer que ele é indispensável como espaço de aprendizagem. Dolto (1998) aponta que as crianças precisam brincar tanto quanto precisam de contatos afetivos, de fazer, de falar, de ouvir respostas às suas perguntas. Impedindo-as de mexer em tudo, o adulto priva-a de tornarem-se inteligentes, de adquirirem um vocabulário.

Por fim, acreditamos que a construção, organização e dinamização dos cantinhos educativos na escola ajudou não apenas a sala trabalhada, mas a instituição como todo, pois as profissionais da escola tiveram a oportunidade de trabalhar diversas temáticas em todos os cantinhos disponíveis. Acreditamos que agora cabe aos professores da escola continuar este projeto que consideramos ter sido uma experiência muito valiosa para as crianças, uma vez que proporcionou a elas a socialização dos brinquedos e o desenvolvimento de habilidades psicomotoras, de movimentos, e habilidades de arte visual de forma descontraída e motivada.

Acreditamos que a organização dos Cantinhos Educativos na Escola motivou o planejamento de práticas educativas lúdicas pelas professoras e promoveu a maior interação entre elas e as crianças além de contribuir sensivelmente para o desenvolvimento das crianças nos diferentes aspectos, conforme reitera o RCNEI (1998), brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades; utilizando as diferentes linguagens

(corporal, musical, plástica, oral e escrita) enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva.

THE ORGANIZATION OF NOOKS TO PLAY OF CHILDREN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: PRACTICE AND REFLECTIONS

ABSTRACT

In this article we present some lived experiences in the intervention project called “Organizando o espaço físico na educação infantil, como ferramenta para o aprendizado da criança” (organizing the physical space in childhood education as a tool for the child’s learning). This experience was developed in the Prática Pedagógica IV discipline and made at Escola Municipal de Ensino Fundamental Josefa de Araújo Pinheiro. In order to do so, we based our research through the study of Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI (1998), the Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS (2001) and authors, such as: Oliveira (2007) and others. We were able to collect with many details the development of the research through observation and participation. We also were able to perform the experience of the Cantinhos Educativos (Educational Corners) in a former disabled classroom. From this research, we could comprehend the importance of the ludic activity to children.

Keywords: Childhood Education. Educational Corners. Creativity.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. M. R. J. **Vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar:** o brincar na creche. In: OLIVEIRA, Z. M. R. (org.) Educação Infantil: muitos olhares. 4.ed. São Paulo: Cortez. 2000 p. 79-102.

ASSIS, M.S.S. **Práticas de cuidado e de educação na Instituição de Educação Infantil:** o olhar da professora. In: ANGOTTI, M. (org.) Educação Infantil: para que, para quem e por quê? Campinas, SP: Editora Alínea, 2006, p. 87-104.

BATISTA, C. V. M. **Entre fraldas, mamadeiras, risos e choros:** por uma prática educativa com bebês. Colaboração: BIANCHINI, L. G. B. Londrina: Maxiprint, 2009, p. 99-178.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Ministério da educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3.ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Ministério da educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2009.

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica.**In: KISCHIMOTO,T. M. (org.). **O brincar e suas teorias.** São Paulo, Pioneira, 2002.

CRAIDY, Carmem (org.). **Convivendo com crianças de 0 a 6 anos.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

HORN, M.G.S. **Saberes, Cores, Sons, Aromas:** A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed , 2004.

FIDELS, S. A.; TEMPEL, M. **Educação Infantil:** uma proposta lúdica. Cuiabá: Carlini&Canioto, 2005. P. 13-37.

FRIEDMANN, A. **O brincar na educação infantil:** observação, adequação e inclusão. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2012.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. **Educação infantil:** muitos olhares.São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, V. B.; MILANI, D. Avaliação-intervenção lúdica de bebês em creches. In: BOMTEMPO, E.; ANTUNHA, E. G.; OLIVEIRA, V. B. (org.) **Brincando na escola, no hospital, na rua...** Rio de Janeiro: Wak 2006, p. 9-28

ROSSETT, Maria da Graça Souza. **Sabores, Cores, Sons, Aromas: a organização dos espaços na educação infantil/** Maria da Graça Souza Horn. – Porto Alegre: Artmed, 2004.]

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; MELLO, Ana; VITORIA, Telma; GOSUEN, Adriano; CHAGURI, Ana Cecília (org.). **Os fazeres na Educação Infantil.** São Paulo: Cortez Editora, 2009 (11ª edição).

SILVEIRA, Maria Claurênia de Abreu Andrade; AFONSO, Maria Aparecida Valentim. Ludicidade e corporeidade: brincadeiras na infância. IN: FARIA, Evangelina Maria Brito de.(org.). **A criança e as diversas linguagens na educação infantil.** João Pessoa: Editora Universitária- UFPB, 2009.

SOMMERHALDER, A.; ALVES, F. D. **Jogo e a educação da infância:** muito prazer em aprender. 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2011.

ZABALZA, M. **Qualidade na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed,1998.